

estudo de um grupo de palavras e de suas variações, que se encontram em textos de diferentes épocas e de diferentes autores, com o intuito de estabelecer a evolução da língua e a influência de fatores externos e internos na sua formação.

POETAS DE VILLA RICA

Graças à obsequiosidade do sr. dr. Roberto de Vasconcellos, digno filho do eminente e saudosíssimo historiador mineiro, dr. Diogo de Vasconcellos, podemos brindar os leitores com algumas paginas postumas e absolutamente ineditas de um certamente magnifico trabalho que, sob a sugestiva rubrica «Poetas de Villa Rica», foram, em recente busca, encontradas com inumeras outras, já amarelecidas e algum tanto amarfanhadas, na gaveta de um movel da sua residencia. Com paciente e carinhoso esforço logrou o dr. Roberto reunir e coordenar para a publicidade as 29 laudas iniciais. Pelo exame de varias outras esparsas e cujo teor não foi possível concatenar, convencemo-nos de que o eruditissimo escritor — cujo talento prismático se desdobrou vitoriosamente em multiplas facetas como secretario da Provincia de Minas Geraes, parlamentar, jornalista, conferencista, critico de arte e, sobretudo, como autor da «Historia Antiga», da «Historia Media de Minas Geraes» e da «Historia do Bispado de Marianna», verdadeiros monumentos imorredouros da sua gloria — tencionava escrever, mas encetou apenas, uma longa obra.

E' pena realmente que se houvessem dispersado as demais paginas do longo e interessante trabalho. Da leitura de varias outras restantes e cuja seriação se acha truncada no arquivo particular do dr. Roberto de Vasconcellos, podemos bem aquilatar a magnitude e a excelencia da obra planejada. As poucas linhas que ora inserimos em primeira mão constituem uma bela amostra do que seria a mesma não só como reconstituição histórica, mas também como ensaios bio-críticos, donde

ressaltariam em vigoroso e nitido relevo as figuras radiosas e encantadoras dos vates que fundaram a famosa Arcadia.

Naturalmente a personalidade mais inclita e prestigiosa daquela admirável geração, que tanto glorifica e imortaliza as letras mineiras, o *primus inter pares*, em que se fixou a atenção do autor, foi Claudio Manoel, reconhecido e acatado mestre de todos e memorável pelo fulgor da inteligência e pelo martírio.

Nenhum dos biografos e criticos retrçou com mais erudição e brilho o perfil do preclaro e desditoso *Glauceste Saturnio*, reputado um dos mais primorosos sonetistas da lingua portugueza e, o que de véras o singulariza e enaltece, da lingua italiana. Efetivamente, versejando neste ultimo idioma, Claudio Manoel compôs varios poemas que, pela pureza de linguagem, pela técnica perfeita, o tornam digno de ombrear com os melhores poetas italianos. O proprio soneto transcrito por Diogo de Vasconcellos é uma prova concluyente, uma confirmação esplendida do nosso asserto

Da escolha do tema, desenvolvido em frase tão castiça e tersa, na factura magistral, no ritmo embalador desses versos, de tão sensível sainete e sabor petrarqueano, conclue-se a assimilação cabal dos melhores modelos literarios italianos, versados assidua e proveitosamente. E não só nos sonetos, em que se elevou ao nível dos maiores poetas portuguezes e brasileiros — Camões, Bocage, Raymundo Corrêa, Bilac e tantos outros — mas tambem em outros generos de composição poetica (odes, cantatas, eclogas) mereceu êle os mais distintos e expressivos louvores de criticos nacionaes e estrangeiros. Grande parte das poesias escritas em italiano se dispersaram e desapareceram.

Um dos melhores titulos de gloria do Poeta é sem duvida a reação de bom gosto que foi êle o primeiro a opôr á escola de Gongora e o induziu a ir procurar modelos nos antigos poetas italianos, em Metastasio, principalmente.

O grande historiador e critico das «Literaturas do Sul da Europa», de Sismondi, afirma que Claudio, indifferente ao ru-

mor da mineração á cata do ouro e dos diamantes, com os olhos da imaginação voltados para visões mais espirituais, continuou a viver e a sonhar junto das minas cujos tesouros pouco pareciam atraí-lo.

«Naquelas montanhas não se vêem os regatos serenos da Arcadia, cujo marulho amoravel desperta na alma resonancias harmoniosas; a queda de uma torrente de agua turva ali lembra a avidez de homens que escravizaram essa agua, turvando-a para pescar tesouros».

Das reliquias encontradas e compendiadas na edição ultima das suas obras bem podem os entendidos concluir o conhecimento intimo, a familiaridade perfeita do poeta com Petrarca, Alfieri, Guarini, Metastasio, de cuja maneira de versejar resumbram indicios flagrantes nos seus poemas.

E' possivel que com uma busca mais demorada nos arquivos da familia Vasaoncellos, no Gualaxo de Mariana, na chacara da Agua Limpa de Ouro Preto e no arquivo particular dos descendentes do illustre morto, se consiga coligir e concatenar para a publicação outras paginas ainda ineditas.

Si isso acontecer, será a nossa Revista o vehiculo preferido para a divulgação, conforme nos prometeu o dr. Roberto de Vasconcellos, a quem, rematando estas linhas, renovamos os agradecimentos pelo precioso contingente com que tanto enriqueceu e abrilhantou este numero.

POETAS DE VILLA RICA

Dr. CLAUDIO MANOEL DA COSTA

O Dr. Claudio Manoel da Costa, já todos sabem, mas é bom repetir, era filho de João Gonçalves da Costa e D. Teresa Ribeiro de Alvarenga; o pai, português, filho de Antonio Gonçalves da Costa, natural de Souto Maior da Freguezia de Ribeiradio, Bispado de Vizeu, e de D. Antonia Fernandes, do lugar das Arcas, de S. Mamede das Talhadas, Bispado de Coimbra; e a mãe D. Teresa era filha de Francisco Barros Freire e D. Isabel Rodrigues de Alvarenga, naturais de S. Paulo. Os pais e os avós maternos subiram para Minas nos primeiros annos do povoamento e se estabeleceram na zona do Guarapiranga, de onde João Gonçalves com a família veio installar-se na Fazenda do Fundão, à margem do rio de Miguel Garcia, hoje dito Gualaxo do Sul, 3 legoas distante da Villa do Carmo. Nessa Fazenda nasceu, no dia 7 de Junho de 1729, o Dr. Claudio, e foi baptizado no dia 29 na Capella da Vargem, a uma legoa do Fundão, e filial da Matriz, hoje sé de Mariana. Ministrou-lhe o baptismo o padre Manoel da Silva Leme, paulista, parente de D. Teresa; e serviram-lhe de padrinhos João Fernandes de Oliveira, e D. Anna Ribeiro da Luz, mulher de Victorino de Barros, seus tios.

No prefacio das Obras Liricas e no depoimento que fez no processo da Inconfidencia, o Dr. Claudio declarou-se natural da Cidade de Mariana; e nos sonetos e outros cantos qualifica de «*patrio rio*» o Ribeirão do Carmo; pelo que alguns de seus admiradores, ignorando as distancias, quiseram contestar ao Fundão a gloria d'essa natalidade. Mas o Fundão é parte da parochia de Mariana, e Mariana está nas margens do Ribeirão do Carmo. É o mesmo que se deu com Virgilio, que, tendo nascido no logarejo dos Andes, se diz, e com todo direito, natural de Mantua.

Na dedicatoria do Poema «*Villa Rica*» o Dr. Claudio exprime-se: «*Villa Rica, cabeça de Minas Geraes, minha patria*», e nos ultimos versos:

Emlim, serás cantada Villa Rica;
 teu nome impresso na memoria fica.
 Terás a gloria de ter dado o berço
 a quem te faz girar pelo Universo.

A ilação, porém, que d'isto se tirou para que o Dr. Claudio fosse natural de Ouro Preto não tem cabimento. A proposição *minha patria* é continuada de Minas Geraes, patria colectiva de todos que vimos a luz em seu territorio; e quem faz girar Vila Rica pelo Universo, é o poema, a que ela teve a gloria de ter dado o berço. Procurando-se, deste modo, colocar cada termo em seu sentido, não se faz de mister contrariar as declarações do proprio poeta, que nenhum interesse tinha de negar sua patria, tão ternamente amada.

Quem tenha ido ao Fundão reconhecerá perfeitamente a paisagem por ele descrita:

D'estes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci... Ah! quem cuidára,
que entre penhas tão duras se creara
um peito terno, uma alma sem dureza.

E' com effeito, um sitio asperrimo esse, circumdado de montes pedregosos, que apertam o horizonte e acanham o vale, cortado ao norte pelo serro do Areão, escarpado, quasi negro. A casa em que nasceu o Dr. Claudio, terrea pela frente, e assobradada por detrás, estava no declivio que deita para o rio, á vista mesmo da profunda garganta, rasgada em penedias abruptas, por onde as aguas rompem e passam entre furnas e brenhas escuras, impondo ao logar o seu nome de Fundão.

Foi neste ambiente que o Dr. Claudio recebeu as primeiras impressões da vida e o cunho melancolico de suas imagens poeticas. Em nenhuma de suas Eclogas ou Epistolas falta a allusão a qualquer dos trechos que primeiro se gravaram em sua alma.

••

Aos 10 annos de idade foi o Dr. Claudio enviado para o Collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, onde esteve 5 annos, estudando os preparatorios que compunham o curso então dito de humanidades, e aos 20, isto é, em 1749, partiu para Coimbra, onde se formou em Canones. Achava-se lá, quando passou pela dôr de perder seu pai, e foi certamente sob as anisas d'esse golpe inesperado que acertou a resolução de ordenar-se, não só *para agradar a Deus*, como também *para amparar a uma mãe viúva e suas irmãs orfãs*, textuaes palavras do requerimento que enviou ao Bispo de Mariana, e por este remetido ao Provisor Pe. Amaro Gomes de Oliveira, por despacho de 12 de Maio de 1751.

Devendo correr em Portugal as justificações de *genre* relativas a seus avós paternos, parece que o Dr. Claudio se adiantou a requerê-las,

emquanto lá estava, para dirigir de propriamente as diligencias. Tendo, porém, no requerimento omitido a naturalidade e domicilio do avô paterno, o instrumento que veiu de Coimbra com data de 13 de Novembro de 1755 só se referia a sua avó; pelo que exigiu o Provisor de Mariana, por despacho de 22 de Maio de 1758, que se completasse a justificação. Nesse caso, porém, seria preciso começar de novo o processo, expedindo-se a requisitoria ao Bispo de Vizeu; e o Dr. Claudio já não estava em Coimbra para facilitar com sua presença o processo.

Parece que, tendo voltado em 1754 ou 55, não seria estranho ao andamento de um processo que tão de perto lhe tocava; e que nem a sua revelia o Provisor o tivesse despachado em 58, sendo todo de interesse particular. Como se sabe, o accessó ás Ordens Sacras, então facilimo, era ultimo degráu a subir pelos que estudavam Canones. As conjecturas, pois, que se têm feito com relação a este episodio [da vida do Dr. Claudio, melhor seria que se entendessem com a renuncia d'ele, como nascida das novas dificuldades que lhe surgiram; tanto mais que, já tendo encetado a carreira secular de advogado, nenhum empenho tinha de procurar outra. A impressão aguda pela morte do pai, o tempo a suavizára; e o amparo alegado á sua mãe e irmãs estava remediado, não só por que elas possuíam bens ainda que modestos, mas também porque da advocacia tiraria elle recursos equivalentes.

x
x x

Em 1758 vemos, com effeito, o Dr. Claudio em plena actividade de sua profissão forense; tendo-se encarregado ainda de confeccionar pela Câmara da Vila Rica um mapa topografico da Vila e seu termo, exigencia esta do corregedor da Comarca, e serviço pelo qual a Câmara mandou pagar-lhe meia libra de ouro. Este trabalho vem demonstrar como na Universidade não se limitou a ouvir as materias juridicas e que, no desejo de ilustrar-se, dando-lhe para isso a intelligencia, adquiriu conhecimentos que se ministravam na Faculdade de Sciencias Fisicas e Mathematicas.

O Dr. Claudio, efectivamente, em Coimbra deve ter sido um estudante de primeira plana, que não perdeu tempo. Elle veiu sabendo ler e verter varias linguas, além do latim, que levou de Minas, ou, melhor, do Collegio dos Jesuitas; e assim é que traduziu do francês o tratado da *Riqueza das Nações*, de Adam Smith, cousa toda nova em seu tempo; e em italiano temos, de sua lavra, sonetos admiraveis. Em 1789, o anno terrivel, em que elle desapareceu da vida, a sua livreria compunha se de 378 volumes, entre os quaes figuravam os melhores de jurisprudencia e

legislação, de historia e philosophia, e tambem de literatura a mais variada, e as obras no original das linguas em que foram escritas. (*)

O Conde de Bobadela, Gomes Freire, que foi um administrador e politico de alta comprehensão, chamou o Dr. Claudio para Secretario do Governo, cargo em que entrou com a Provisão de 15 de Junho de 1762. Nesse cargo veiu achá-lo o Governador Luis Diogo em 63, até que obteve a sua exoneração em Setembro de 65. Com Luis Diogo fez o Dr. Claudio a penosa excursão, em giro ás terras e sertões do Sul, entre Agosto e Dezembro de 64.

Vindo governar a Capitania o Conde, moço de grandes talentos, chamou de novamente o Dr. Claudio para Secretario, nomeado a 9 de Abril de 69, cargo em que serviu até conseguir a sua exoneração do Governador General Antonio Carlos, que lhe deu um atestado honroso de bons serviços. O Dr. Claudio, habituado a tratar com homens singelos, como foi Luis Diogo, e amáveis, como o Conde Valadares, dos quais mereceu estima e familiaridade, não menos que de Gomes Freire, poderoso, mas despido de valdades, é bem provavel que não estivesse para aturar as estroinices do General, que exigia ceremonias asiaticas em sua presença, e até repiques de sinos quando saia á rua.

O modo como o Dr. Claudio se aproveitou do cargo de Secretario mostra-se na «Memoria Historica da Capitania», trabalho no qual se encontra com clareza e perfeita disposição o encadeamento historico da administração, a organização dos governos locais, os quadros e taboas estatisticas, as folhas dos officios militares, judiciaes e ecclesiasticos, uma noticia, emfim, minuciosa e documentada desde a fundação de Minas até ao ano de 1788, quando começou a governar o Visconde de Barbacena.

Esta *Memoria*, achada anonima, por copia, na secção dos manuscritos da Biblioteca Nacional, foi estampada pela primeira vez na «Revista do Archivo Publico Mineiro», (Anno II, Fasc. 3.^o) com uma nota, á margem, do saudoso Director, que tão importantes serviços prestou a a Minas, o Sr. Xavier da Veiga, nota na qual declara como tinha por certo ser esse magnifico da penna do illustrado Engenheiro José Joaquim da Rocha. (*)

Em que pese dizê-lo a tão conspicua autoridade, não nos parece, que a *Memoria* tenha tal origem. O estilo é todo do Dr. Claudio; e só

(*) A livreria do Dr. Claudio infelizmente já desapareceu. Temos com tudo dois volumes della que pertenceram ao Sr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, e que conservamos como reliquias inestimaveis em dinheiro: "Antiquitatum Christianorum Institutiones", de Julio Lourenço Selvagio (Patavii, MDCCLXXX) e "Summa Institutum", de Agostinho Bem Ferrelra, Tomo I, (Lisbona Occidental MDCCLXXX).

(*) Homonymo do Conselheiro da Independencia.

dentro da Secretaria do Governo, e dispondo dos papeis, poderiam ser ventilados e coligidos pela primeira vez os elementos d'esse trabalho.

Alem disso, temos uma prova positiva, que é o confronto d'essa monografia com o «Fundamento Historico» do poema Villa Rica; pois deparam-se em ambos esses escritos os episodios do descobrimentos do ouro, primeiro que se enviou, em 1795, narrados *ipsis verbis*, e até conteúdo as mesmas imperfeições pelas mesmas palavras. A *Memoria Historica* chega apenas ao tempo da posse do Visconde de Barbacena; ora, o Engenheiro Rocha tendo vivido ainda alguns anos, poderia continuá-las, e nem razão havia para não a deixar conhecida em seu nome. Entretanto, o que parece é que o manuscrito, apanhado em rascunhos, de surpresa, entre os papéis sequestrados ao Dr. Claudio, ficou sem nome; e, assim copiado, foi parar na Biblioteca Nacional.

A terrivel catastrophe, em que a vida do Dr. Claudio se encerrou faz-nos imaginar o seu vulto, como si o vissemos no frio calabouço da Casa dos Contos, pálido, desgrenhado, pensativo no seu isolamento. D'ahi o retrato que se nos figura ter sido um homem concentrado, melancolico e taciturno, pacato e pusilanime. E' o mesmo que se dá com Ovidio. Começamos a conhecê-lo através das Elegias, poeta triste, carpindo magoas no exilio; quando foi, aliás, o genio mais folgasão, o poeta jovial, o artista dos *Amores*, elegante e o mais estimado em Roma. Assim era o Dr. Claudio. Alegre, espirituoso, de convívio facil, gracejador, coração franco, o encanto, emfim, dos que amavam. Era sua casa o centro dos intellectuaes, não só de Vila Rica, tambem de Minas. A's tardes e ás noites reuniam-se com êle os poetas e os letrados, unico divertimento d'aquelle tempo, quando as Musas deram a estas montanhas um tom arcadiano, periodo que foi intenso, mas infelizmente breve, subitamente apagado na escuridão dos carceres, dias felizes interrompidos brusca e desgraçadamente para sempre, e menos por justiça que por calculos do despotismo.

Deixando a Secretaria, o Dr. Claudio se recolheu ao escritorio de advogado, não por necessidade, mas porque foi sempre laborioso e tinha amigos que o ocupavam, confiados em sua capacidade. Devemos observar que êle era homem abastado, independente, e tinha assás de viver. Além da metade da fazenda de seus pais, que possuia de sociedade com um parente, Manoel José da Silva, possuia as lavras auríferas do Canela, distrito da cidade de Mariana, em sociedade com Domingos Pires e Antonio Domingues do Cabo Pinto. Tinha uma casa magnifica em Mariana, situada no largo da Sé, sobrado em que ainda se deparam duas rotulas de seu tempo nas sacadas; e em Villa Rica tambem, a magnifica vivenda, que todos conhecem, predio nobre e terrenos arborizados. Nas

Fazendas tinha o Dr. Claudio, de propriamente seus, 27 escravos, instrumentos e aparelhos de lavoura e mineração, animais e tropa que servia para transportar do Fundão os generos necessarios ao sustento do pessoal do Canela e ao consumo de sua Casa em Vila Rica., farta e hospitaleira, casa de sua residencia habitual, mobiliada com trastes do melhor estilo.

Em seu guarda-roupa, além de mais peças de uso comum, inventariaram-se, entre vestidos completos, um traje de seda vermelha bordado a fios de ouro; um de seda branca, a fios de prata; um de seda verde, casaca e vestia, caseados de prata, para servir com calção de seda preta, tricornos de arminho, camisas de linho e de cambraia bordadas, guarnecidas de renda; meias de seda; fivelas de ouro e botões de punho floretados de pedras finas; correntes de trancelim, bengalas de castão de ouro ou de prata, e seu habito de Christo, pendente de diamantes na respectiva lita encarnada. Era, pois, um homem aprimorado no seu tom, nas suas maneiras, no seu trajar, um verdadeiro fidalgo. A sua copa não era menos distinta. Além da louça de Inglaterra para a cobertura dos dias comuns, continha aparelho completo de porcelana esmaltada, serviço de chá e café, tudo da India, e os respectivos talheres de prata, salvas e bandejas, toalhas e guardanapos de linho. Em viagem ou passeio, o Dr. Claudio montava o seu cavallo de estribaria, arreado com sela de veludo, xairel de baetão (casemira) branco e orlas de durante (selim) encarnado, estribos e freios de prata, acompanhado de dous garridos pagens trajados de casaca e vestia de panno escuro, calções amarelos, chapéos de verniz agaloados de ouro. E agora nos aparece esse mesmo homem, principe dos intellectuaes de seu tempo, afortunado, voluptuoso com as elegancias de um epicurista: ei-lo no repente de um golpe, quasi de um raio, surpreso no leito, ao amanhecer da brusca manhã de Maio (dia 25), conduzido pelas ruas e fechado no pavimento terreo da casa do Real Contrato, adrede e propositadamente adaptado para encarcerá-lo. De tudo quanto tinha saiu de casa apenas com o seu casaco velho de baetão camurça, com o seu capote, com a roupa do corpo. De sua casa levaram-lhe o colção, os cobertores e um candeiro de latão, a cujo lume, por ventura mais lugubre que as trevas, o poeta meditava no que tinha escrito:

«Todo o passado bem tenho por sonho:
só é certa a presente desventura!»

Imagine-se. A mesa de iguarias, em que brilhava o luxo das porcelanas e cristais, passou a ser um tableiro mesquinho, que lhe fornecia Adão Cardoso, a quem o Desembargador Araujo Saldanha incumbira,

mediante as 62 oitavas de ouro em pó, que lhe foram sequestradas, que estavam na borracha com bocal de prata onde as guardava, e que foram entregues ao *sixtente do cumer* do presol

x
x x

A tetrica sombra que, pois, envolve a figura do Dr. Claudio, sobre desnaturá-lo de sua indole, carrega ainda mais a sugestão merencoria de suas poesias, e como que previne o leitor para nela achar sómente imagens de um desditoso. O Sr. João Ribeiro, seguindo fielmente nisto ao Dr. Ramiz Galvão, atribue a melancolia do poeta a malogros de amor, e culpa-os á ingratição de Nize. A esta perjura o Dr. Ramiz assaca mesmo a resolução, que o Dr. Claudio tomou, de se ordenar, afim de «afastar-se do mundo e entregar-se ás aras do Senhor!» Nada d'isto. Como sabemos, as primeiras impressões de nossa alma formam-se do meio em que nascemos e passamos a infancia. Ha mesmo na adolescencia uma fase, que não se explica, mas de tristeza indefinida e vaga, quando saudades, não sabemos porque, pungem e são dulcissimas de ignota soledade. Esse arreból determina para sempre a côr de nosso coração. E' o que notamos em uma por uma das poesias do Dr. Claudio, nas quais nenhum quadro se imaginou senão remanentes de seu torrão natal, os mais tristes e soturnos d'este mundo:

«Para cantar de amor temos cuidados
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento.
Tu, sonora corrente, fonte pura,
Testemunha fiel de minha pena...
Aqui sobre esta pedra aspera e dura
Teu nome hei de estampar...»

Em suma — grutas, troncos, penhascos da espessura -- são tintas inseparáveis da palheta do poeta, para quem

«Não se passa.....na noite e nem no dia
Uma hora só que a misera lembrança
Te não tenha presente...»

Assim sendo, bem natural era que o Dr. Claudio — peito terno, alma sem dureza — criado em duras penhas, não fizesse excepção e que achasse nas raparigas coetaneas e vizinhas o objeto de suas emoções estreatantes, abrindo o coração e a alma a um primeiro amor, o maior encanto, suprema graça da vida. E' o que se pode entender por alegoria, na fábula do Ribeirão do Carmo, da seguinte lembrança;

"Vizinho o berço caro
 Aonde a pátria tive,
 Vive Eulina, esse prodigio raro,
 Que não sei si ainda vive.....
 Tres lustros, todos de ouro,
 A gentil formosura
 Vinha tocando apenas.....
 Mais formosa, de Eulina,
 Respirava a beleza;
 De ouro a madeixa rica e peregrina
 Dos corações faz preza.
 A candida porção de neve bela
 Entre 'rosadas faces se congela!"

Vê-se, pelo menos, que o poeta, no tecido da fabula, teve em mente esta doce imagem, que quis celebrar em seus versos, mas em transparencia, e sem a liberdade que usava para as amantes. Si os criticos tivessem o cuidado de separar, na coleção dos sonetos, os que não se dirigem a pessoa certa e ocultam a indicação, poderiam notar como o poeta se mostrava neles mais repassado de tristeza e realmente mais poeta nessas reminiscencias de uma paixão sentimental e pura.

"Que feliz fora o mundo se perdida
 A lembrança de seu amor e gloria,
 Igualmente dos gostos a memoria,
 Ficasse para sempre consumida?"

Lendo-se estes sonetos adivinha-se que esse primeiro amor, encanto da mocidade, quando o Dr. Claudio voltou de Coimbra, estava malogrado:

«Este é o rio, a montanha é esta,
 Estes os troncos, estes os rochedos;
 São estes inda os mesmos arvoredos;
 Esta é a mesma rustica floresta.
 Tudo chelo de horror se manifesta,
 Rio, montanha, troncos e penedos,
 Que de amor nos suavissimos enredos
 Foi scena alegre e scena é já funesta.

.....
 Tudo me está a memoria retratando!"

E' de se notar tambem que o Dr. Claudio, nestes sonetos como em outras poesias alusivas, não desate uma só queixa, não faça uma só repriminação, nem se derrame em prantos e lamurias, segundo era de pra-

xe e de bom gosto. Compreendeu que em grande parte era culpado por não ser franco:

"Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,
 Na muda solidão d'este arvoredo,
 Communiquei comvosco o meu segredo
 E apenas brando o Zephiro me ouvia».

Além d'isto, pois que não revelou a sua 'paixão, e, portanto, não obteve compromissos, na Elogia dirigida a Eulina, ainda que veladamente, o poeta desculpa a mulher amada. Referindo-se ao velho costume que era o dos pais contratarem o casamento da filhas á revellia d'ellas, diz:

"Então ser ingrata era innocencia,
 E ao laço do Hymineu se sujeitava
 Uma alma sem de amor sentir violencia".

Entender-se, pois, que o Dr. Claudio se resolvesse a tomar ordens por desgostos que lhe desse Nize, é cousa que não concorda com a interpretação de seus proprios versos. Ele partiu para Coimbra em 1749; requereu as Ordens em 51, e não quando de lá voltou. Nesses dois anos o facto doloroso que o atordou foi a morte do pai. De mais, éle mesmo deve ter dado causa ao revés que soffreu nas relações amorosas. Paixão despontada na especie de Paulo e Virginia, como são todos os primeiros amores, partiu para Coimbra sem deixar assentado o seu destino. Amava a sua companheira de infancia ou adolescencia, mas sabemos que esses affectos se sentem e nunca se declaram. Em vista do requerimento, a moça desenganou-se e, quando éle chegou de Coimbra, estava casada. E' a razão por que o poeta não tem uma palavra de despeito, não emite uma queixa, não pronuncia o nome de Eulina, e atribue á sua sorte este revés, ao ardor com que se move a infausta roda do fatal despenho. Esta situação parece-nos que está descrita e gravada num soneto, já depois de morta a mulher que éle continuou a amar, como Laura foi amada, e até para melhor comparar-se usou da linguagem de Petrarca:

«Era d'intorno a me l'ombra onorata
 Di quella dolce, incantatrice Donna,
 Che, cinta par de piú lucida corona,
 Splende fra gl'Astri alla mia fede ingrata.

Io la riveggo in torvo aspetto irata;
 Or m'accusa, or mi segue, or mi abbandona;
 L'orribil voce mi spaventa e suona
 Comme fiamma di Gióve in ciel vibrata.

Qual misero destin (oh Dei!) qual sorte
 Amor mi dléi veggo la face mia,
 Fuggo, tremo, mi aghiaccio e non son forte:
 M'accordo, allor, che al fianco, in ogni via,
 La segultal, oh! quanto, Amor, la morte
 Quanto fà, quanto mutta, quanto oblia!»

.....

Por este soneto, admirável, pura alegoria de amor, o Dr. Claudio confessa que foi ele o infel. A nobreza da inspiração corresponde á da linguagem, que é bem diferente da que emprega em seus carmes eroticos para se divertir com as ingratas, perjuras e tiranas de fantasia, pelas quaes se derrama em gemidos e chora de papel.

Eulina o acusa e elle treme diante da accusação, que é justa, por ter sido o culpado. Tem horror de si mesmo!

Lendo-se os poetas de Vila Rica, observa-se que só dous nomes foram respeitadas — o de Eulina e o de Marilia, em consideração, provavelmente, ao Dr. Claudio e a Gonzaga, que não levariam a bem que esses nomes entrassem para o baralho de Cupido.

As mais, Nizes, Anardas e outras, andavam de boca em boca motivo pelo qual não é justo acreditar-se que o Dr. Claudio por nenhuma dellas quisesse abandonar o mundo e acolher-se ao Presbiterio. De Eulina só deparamos nas Liras de Gonzaga uma referencia, que prova de facto ser a unica paixão sincera e constante do nosso poeta, e amor todo independente dos gosos [sensuais:

«Eu, Glauceste, não duvido
 Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada;
 Vejo a sua côr de rosa,
 Vejo o seu olhar divino,
 Vejo os seus purpureos belços,
 Vejo o peito cristalino:
 Nem ha cousa que assemelhe
 Ao crespo cabelo louro.
 Ah! que a tua Eulina vale,
 Vale um immenso thesouro.»

Nunca mais ouvimos ou encontramos esse nome, e si Dirceu o pronuncia é para confirmar, como só ao Dr. Claudio era devido. Só tambem passado meo seculo ou mais, figura uma Eulina em carne de outro poeta que foi o Patriarca José Bonifacio;

«Si a natureza
 Te fez tão bella,
 Porque és cruel?
 Eulina amada,
 Si tens um peito
 Enche-o de ardor:
 Verás que effeito
 Produz amor.»

Esta Eulina, porém, não é a mesma e nem se mostra da mesma indole. A do Dr. Claudio nunca foi acusada por elle; mas esta o seu trovador a tem por cruel e insensível. E' bem que, neste ponto, consideremos o paralelo. A paixão do Dr. Claudio é pura, escoimada de interesse: a de José Bonifacio manifesta-se:

«De belleza em belleza divagando
 Sofrega a mente se me vae dos olhos».

Depois, meiga saudade

Manso e manso do peito se apodera...
 Tudo o que vejo então me pinta Eulina!».

E o poeta nos põe ao vivo essa pintura, como podemos ver desta estrofe:

«Assim lhe val tremendo o eburneo colo,
 Assim os lacteos pomos buliçosos,
 Brinco dos Cupidinhos,
 Docemente vacilam,
 Quando, entre as flores, nova flôr passela,
 Eulina, Eulina minha!»

Camões, na passagem de Venus á procura de Jupiter no Olympo, tinha dito:

«Andando as lacteas tetas lhe tremiam
 Com que amor brincava e não se viam.»

Embebido na sua Eulina, o nosso Patriarca releu com certeza a festa da Ilha dos Amores, e exclama:

«Ah! não vendas tão caro a formosura;
 Si a natureza a deu, deu-a para dar-se;
 O peito ás leis do Amor não encruças.»

Canções tinha dito:

«Quis aqui sua ventura, que corria
Após Ephyse, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza».

Estes pensamentos não se encontram, nem estes desejos, nos sonetos do Dr. Claudio alusivos e inspirados em sua Eulina e ainda menos nas Liras de Gonzaga dirigidas a Marilla. Inegavelmente mais delicada e primorosa é a referencia de Gonzaga:

"Em torno de teus peitos que palpitam
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Si encontram teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, vdam, chegam
E dão furtivos beljos."

Pelo que temos exposto, vemos como o proprio José Bonifacio, modelo de virtude, com toda sua gravidade, não se negou a deixar por instantes o alaúde de Homero e, depois de compôr as inimitaveis Odes patrióticas, deu-nos o exemplo de amar também a poesia lirica. O grande Salomão, com ser o mais sabio dos homens, cantando na citara dos Psalmos e dos Proverbios, não deixou de perpetuar, no mais formoso estilo que ainda se conhece, a sua paixão pela Sulamita, cujos labios eram mais doces que as uvas de Chipre, diz-nos a Biblia, e cujos peitos eram como dous cordeirinhos gemeos.

••

A leitura dos poetas de Vila Rica faz-nos comprehender a feição característica da literatura gongorica, que mais sabia ao gosto dos contemporaneos. O Dr. Claudio não quis exceptuar-se, e o timbre de seus sonetos eroticos e de suas eclogas adapta-se á fantasmagoria de amores desditosos e inconstantes. A formosa ingrata Nize figura com varios adoradores, entre outros com o nosso poeta Alvarenga, cujas obras nos revelam o espirito referido. Enganam-se, portanto, os criticos que querem achar elementos reais em uma escola, toda imaginaria, de vates, que, sem terem objeto algum, inventaram romances e nomes supostos. Apesar de casado com a distintissima D Barbara Heliodora, a quem invocava tão ternamente nos impereciveis idilios:

"Barbara bella,
do Norte Estrella,
Que o meu destino
Sabes gular. . ."

Alvarenga Peixoto, dizemos, nos informa:

"Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querê-la;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Si Nize vir aqui, morro por ella;
Si Estella agora vir, fico abrasado.

Mas, ah! que aquella me despreza amante
Pois sabe que estou preso em outros braços;
E esta não me quer, por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços:
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços".

Felizmente para as familias eram nomes de pura ficção, e as vezes só para rimas. Alvarenga não seria tão leviano para se incompatibilizar com o seu amigo Claudio e nem se arriscaria a traçar este soneto escandaloso em presença da mais nobre matrona que foi a sua esposa. Estes poetas obedeciam, portanto, ao contagio e, obrigados a versejar, como desporto da vida fastidiosa, que era a da seu tempo, cantavam amores ideais e mulheres de sonho.

O Dr Claudio, nos seus sonetos e poesias eroticas, sensualistas, a preceito, punha em trovas uma vasta variedade d'êles. Era a Nize fugitiva, ingrata; a Dallana formosa, que, para não o ouvir, tomava o fuzo; a ingrata e dura Almena; a Lize por quem sacrificava tudo; a Eliza injusta e tirana; a Anaida perjura e até uma certa e bela Maria.

Deixando as mais em paz, o nosso Alvarenga não se conteve e nos deu o retrato de Anaida:

"A minha Anaida
Vou retratar
Se a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço;
Tudo careço
Para a pintar".

Parece que foi um ponto obrigado na epoca, esse de se fazer a pintura das amantes, sendo postas como os pintores querem os modelos Alvarenga, feito o retrato, conclui:

"Porte de Deusa,
Espírito nobre,
E o mais que encobre
Fino avental
Só vós, amores,
Que as Graças n'as
Vedes nas suas,
Podels juntar. . ."

Camões tinha dado o exemplo: "com o véo dos roxos lírios pouco avaro". Estes retratos continuaram a ser o tormento dos poetas, e ainda mais recentemente o Marquês de Paranaguá, Vilela Barbosa, nos deu o primoroso de Marcia:

"De amor por ordem,
A Marcia bella
Em fina tela
Vou retratar".

Confrontando-se com o de Anaida, toda a vantagem está neste, e até se mostra o polimento da arte na pintura mais delicada:

"Sei que não queres
Que acabe a obra
Porque o que sobra,
Pode matar. . .
Mata-me embora,
Mas deixa ao menos
Os pés pequenos
Delinear".

Ha neste, como se vê, mais recato e, por tanto, mais fino gosto literario. Não foi o tempo que influiu neste caso; pois nenhum retrato ainda temos mais belo, mais delicado, que o de Marilla, sem trazer a mais leve insinuação aos pensamentos sensuais. O poeta bem fez em em reclamar:

"Ahi soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu;
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tintas do céu".

Gonzaga, em tratando de Marilla, cortou com efeito quantos encantos a luxuria de Anacreonte requintou para seu retrato de Venus, e só nos deu o producto que podia tirar dos lírios e rosas de sua imagi-

nação: no retrato de Lucrecia, feito por Ovidio nos *Fastos*, Gonzaga certamente se inspirou para infundir nas graças de Marilla a beleza moral dos sentimentos puros.

Não se diga, pois, que foi com os costumes que progrediu o gosto literario. Gonzaga foi d'aquelle tempo e não se contaminou do estilo gongorico, da moda de ficções, nem das deusas e Nymphas, que nem ao menos já significavam alegorias da natureza, como nos tempos da Mitologia. Eram restos inanes da literatura classica, e também dos tempos biblicos, quando viviam os pastores, as mulheres como que tinham o dom de uma perpetua juventude. Era também invencivel o conceito poetico das delicias da Tessalia e da Betica, ou das paisagens eliseas comparadas á natureza de nossos países ainda novos, que saiam dos limbos do sertão, sociedade nascente, que opunha á fantasia dos poetas as scenas lastimosas da ambição do ouro, a estupidez e crueldade dos colonos. A poesia em taes circumstancias não podia buscar senão em quadros de pura imaginação, forçosamente longinuos, o tema de suas inspirações. O Dr. Claudio, que foi o mais nativista de nossos poetas, apesar de sua hõa vontade, dirigindo-se ao patrio rio, lamentava o brutesco de suas margens:

«Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês Nimpha cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio. . .»

Tentando na «*Fabula do Ribeirão do Carmo*» a iniciação poetica do país natal, deu-nos as primeiras pinturas de nossas paisagens:

«Aonde levantado
Gigante a quem tocara,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema e rara
D'esta inculta região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte».

Mas, para se dedicar a esta inovação, o Dr. Claudio não se esquece entregá-la ás Ninfas do Mondego:

«A vós do patrio rio em vão cantando
O successo infeliz, eu vos entrego,
E a vitima estrangeira
Em seus braços acolha o vosso agrado».

Ao partir de Colimbrã, o Dr. Claudio se havia despedido das Camenas do Mondego:

Emfim te hei de deixar, doce corrente,
Do claro, suavissimo Mondego...

..... ..
Das Nimphas, que na fresca amena estancia
Das tuas margens humidas ouvia,
Eu terei sempre nalma a consonancia.

..... ..
De ti me apartarei; mas, bem que ausente,
Desta lira serás eterno emprego...»

Não admira, pois, que não pudesse de' todo romper com as Musas que o instruíram naquelas paragens encantadoras — nos saudosos campos do Mondego — dos formosos olhos nunca enxutos... Entretanto, como a arte que primeiro se adapta á natureza é a arte de amar, arte que canta na alma com a musica ingenita do ar, das aguas e dos ecos de nosso torrão natal, doce melodia que nunca mais se esquece, o Dr. Claudio na «*Fabula do Ribeirão*» estreou, ainda que a medo, a nossa poesia naturalista, apadrinhando-se, com tudo, em reflexos do Adamastor. Em todo caso, o Ribeirão, para evitar o ridiculo, confessa:

Competir, não pretendo
Comtigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vais correndo.
Meu ingrato destino
Me nega a prateada magestade
Que os muros banha da maior cidade».

Só, pois, para ouvir a vóz do sangue, cantou a sua terra. E tão contente se sentiu de se inspirar nos quadros de nossa terra natal, que exclama:

«Musas, canoras Musas, este canto
Vós me inspirastes...
Si em campos não pisados algum dia
Entra a Nimpha, o pastor, a ovelha, o touro,
Effeitos são de vossa melodia.
Que muito, ó Musas, que una, em fausto agouro,
Á immarcescível héra, o verde louro?»

Animado, pois, pela «*Fabula do Ribeirão*», o Dr. Claudio empreendeu o poema *Villa Rica*. Animado, sim, a pôr em canto — "tudo que entoa o musico instrumento — "parece referir-se a esse poema, dizendo:

«Mas, si o favor me dáes, ao mundo atento
Em assumpto, maior, farei espanto».

Enganou-se, porém. O Sr. Olavo Bilac, bem inspirado, como sempre foi, em seu lucido espirito, entre as mais vezes observou, na critica feita á "Historia Antiga de Minas Geraes", que ainda estava por se fazer o poema dos Bandeirantes. Eram vultos heroicos, não restava duvida, mas não tinham ainda a consagração do tempo, condição inseparavel da epopéa.

A especie de fetichismo patriótico, desenvolvido em tudo que vem da tragedia da Inconfidencia, nos tem embaraçado no julgamento dos poetas que nela ficaram victimas. Suas obras tornaram-se quasi sagradas, e, mercê d'essa condescendencia, o poema *Villa Rica* tem passado incolume, como que envolvendo a memoria do poeta desditoso. Entretanto, ainda que sem animo de censura, é peça em que faltam condições, começando pela unidade do assumpto e, portanto, pela simplicidade do enredo. O próprio estilo não está feito para as narrativas heróicas. Si, pois, nas mais poesias podemos ser indulgentes, e até mesmo nas ficções e ornatos do antigo modo, visto como os poetas não podiam de subito reformar a instrução literaria e o gosto dos ouvintes, o mesmo não é licito conceder-se aos poemas epicos, ou historicos, que, como ação real, ou pelo menos urdida na verosimilhança, só se admitindo nos accidentes o enfeite romantico. Em taes composições não é o sentimentalismo, e, sim, o motivo moral e certo que predispõe o animo a se comover admirando os personagens, fim que se propõe o poeta. São obras, pois, que nada sofrem com o tempo; e a Eneida, por exemplo, ainda é a mesma Eneida, que conserva o calor da pena de Virgílio. Si a epopéa não é mais que uma fabula inventada com elementos da historia, exige comtudo um fio dramático sustentado de principio a fim na mesma ação grandiosa, como nos *Lusitadas*, que, tendo por assunto a viagem do Gama, começa no embarque e acaba no descobrimento da India. Ora, o Dr. Claudio, propondo-se decantar a Fundação de Vila Rica, espalha-se em toda a historia dos descobrimentos e lutas da primeira epoca, ferindo como ponto a criação do fôro, cousa muito diversa. A criação da Vila do Carmo, sendo anterior, ahí temos batendo em falso toda a invenção historica. De mais, em vez de uma, temos no poema varias ações que produzem o desgosto de não vermos as partes ligadas e subordinadas ao facto principal e culminante. Para este effeito, o Dr. Claudio usa e abusa do elemento maravilhoso, ás vezes irrisorio, não atendendo a que prodigios, só mui raros e necessarios, devem intervir. A serpente que vimos partir de Tenedos para enroscar-se em Laocoonte e seus filhos, foi rapida, fulminante e necessaria para decidir os troianos a receberem o ca-

valo. O feiticeiro Ismerio não aparece na Jerusalem sem papel conducente á perdição dos Cruzados. O Dr. Claudio, emtanto, se serve á farta dos episodios fantasticos. Não devendo ser partes integrantes, mas de puro ornato, admittem-se estas excrescencias, contanto que não interrompam a ação consecutiva, e antes se unam vivamente ao scenario. E' assim que o Adamastor, aparecendo em momento proprio nos navegantes, formou o episodio mais bello que se encontra em nossos poemas. Este preenche a condição de ligar-se ao movimento, sendo, aliás, objeto diferente, mas vem continuado do ponto precedente e relacionado com o que se segue. Considerado, pois, como embelezamento da epopéa, nenhum episodio tem licença de ser frivolo ou mal contado.

Deve-se comtudo levar em conta que ao *Vila Rica* falta de si mesma a grandeza da ação e a celebridade dos personagens, cousas que não estavam nas mãos do poeta. A historia recente, quasi contemporanea dos bandeirantes, jamais poderia dar ao Dr. Claudio o prestigio dos heróes que se impõe através da nuvem da antiguidade, para que possamos admirá-los acima de nossas fraquezas, quasi sobrehumanos, e projetando no scenario o fulgor dos semideoses. Obrigado a empregar anacronismos conhecidos e a inventar paixões amorosas, extravagantes, de indios e sertanistas, como Garcia Rodrigues, o poema decal até ao ridiculo, sobre tudo nos passos em que faz chorar de ternura os personagens quasi todos e até Albuquerque.

Referindo-nos, por exemplo, um episodio, mais que inverosimil, de ciúmes de Eullnda (uma india maxapó) que por intriga se entende com outra, de nome Theriféa, que é velha feiticeira, esta, por um sortilegio, faz aparecer um tigre, que se deita ao lado de Auróra, outra india, adormecida. O marido d'esta (naquele mesmo dia de casado) vindo á caça, dispara uma flexada, mas em vèz de matar o tigre, mata a sua bela desposada! O marido (Argasso) lastimando o erro, precipita-se de uma penha! Este caso foi levado ao conhecimento de Albuquerque pelo Padre Fialho. Aqui diz o poeta:

«Calou-Fialho; em vão susteve o pranto
Albuquerque, e notando que o quebranto
De Garcia a rendê-lo se avançava,
Consolando seu mal, assim falava»

Mas não era só nestes casos que os heróes choravam. Quando Garcia Rodrigues soube que Auróra, por êle ardido de paixão, afinal, a instancias suas, se resolvera a casar com Argasso, em tudo isto concorrendo prodigios de genios de encantamentos, ao Padre Fialho, que chega do casamento, pergunta chorando:

«... em doce laço,
Dizei, já vive Aurora? Vive Argasso?
Ahl Senhor, diz Fialho, (que Garcia,
os olhos rasos d'agua mal podia
falar, e quasi absorto o heróe saúda,
(1) caso é tão funesto que na muda
magua só pode cabalmente ouvir-se!»

E assim é o poema *Vila Rica*, no qual o que mais custa a crêr é que tenha saído da pena Dr. Claudio, e ainda mais que o poeta tenha dele feito a menina de seus olhos—o assunto maior que faria espanto ao mundo atento. Em suma, o Dr. Claudio, mais para comprometer o seu poema, que de si nenhum interesse desperta, assentou de rimá-lo á francesa, de rimas ao par, linha a linha, á imitação da "Henriade", a obra pessima de Voltaire, sem attender a que em nossa lingua, e consoante á indole de nossa poesia, era isso provocar o monotonia, tirar a graça e o matiz da forma e opprimir o pensamento, além de perturbar a fluencia da metrificacão. O escritor, forçado a tão insípida repetição de sons immediatos, repôs-se a dizer o que não sentia, a sacrificar muitas vezes a idéa e a cercear, enfim, a propria inspiração.

Por uma coincidência bem rara, viveram em Vila Rica ao mesmo tempo os dous poetas insignes da era colonial; e aconteceu tambem que ambos tivessem o mesmo astro fatal a persegui-los, desaparecendo no mesmo desastre. O Dr. Claudio era mais fecundo, mais erudito, imitador de Petrarca; o Desembargador Gonzaga, mais lirico e mais artista, todo de Anacreonte. Deve ter conhecido o grego a fundo para bem imitá-lo e até plagiar-lhe certas odes. O Dr. Claudio, versado no italiano, e tomando por mestre o cantor de Laura, deixou-nos sonetos, que, dizem os entendidos, não desmerecem do modelo. Pelo menos, com a influencia dos artificios mitologicos, não apertava o gosto da literatura italiana mais christianizada; os sonetos do Dr. Claudio neste idioma inspiraram-se mais de perto nos sentimentos e tiveram mais naturalidade, não empregando Deoses senão a proposito, em figuras necessarias, e nem posições dignas, como fêz no soneto em que alude á guerra: «gentes, foi-me rebelde a minha sina»

Petrarca foi, como vemos, o Mestre do Dr. Claudio, e não tem outra explicação o gosto predileto pelos sonetos, a forma brilhante de seu estro. E' pena que o Dr. Claudio, deixando de insistir na inspiração de seu primeiro amôr, que nunca aliás o abandonou, se entregasse á moda do tempo, querendo competir com os mais poetas no *borboletismo*, e assim deixasse em nossa alma o desgosto que nos causa o que concien-

temente é fingido. A poesia, tendo por objeto exprimir o belo, este por condição ha de ser verdadeiro, ainda mesmo que na imaginação. Nasceu d'ahi a superioridade de Gonzaga. A sua paixão era sincera e unica; e nem quis experimentar outro modo que o lírico.

•Deixemos, ó Musa,
Empresa maior.
Só posso seguir-te
Cantando o amor!

Ninguém suspeitou, de leve ao menos, da honestidade de Marilla; e eis o motivo por que o elemento moral, parte que se não separa da beleza, criação ingenua e casta do amor, dada a graça, a suavidade e o encanto das Liras de Gonzaga, hão-de perpetuar, como sempre novas, sempre desejadas, as poesias de Dirceu. E' interessante que o Dr. Claudio nas formas de Petrarca tenha fundido o espirito libertino de Anacreonte cantando mulheres diversas, ao passo que Gonzaga nas formas de Anacreonte haja encerrado o espirito de Petrarca, amor sincero, imaculado; e por isso ainda é e será o maior poeta lírico de nossa lingua.

QUESTÕES HISTÓRICAS

Hoje temos o ensejo de reproduzir uma pequena polémica que o sr. professor Assis Cintra e eu sustentamos em 1921. Nessa data não nos conhecíamos senão de nome, porém, atualmente devido a essa questão, nos damos e somos amigos.

Com honestidade e escrupulo reproduziremos tudo como fôra escripto na época que alludimos.

O ESQUARTEJADO DE 1720

Ha, exactamente, 200 annos.

Manhã brumosa de inverno mineira. O levante de Villa Rica que puzera em sobresalto rochas e socavões, planicies e montanhas das Minas Geraes, tivera seo fim com o triumpho estrepitoso das armas reaes. O socêgo fôra imposto a carga de cavallarianos e investidas da infantaria. No seo melhor uniforme, commandando quasi 3.000 homens, o capitão-general d. Pedro de Almeida fez a sua entrada triumphal na fidalga e alevantada Villa Rica.

Entre os revoltosos, sobresahia um que se impuzera pelo seo arroj e bravura: Filippe dos Santos. Nesse, cahiram as iras do capitão-general. Condemnou-o á morte. Ao enforcamento? Não. Seria muita clemencia dum governador que, como d. Pedro de Almeida, passára, transido de mêdo, o quarto de hora de Rabellais. O castigo deveria ser exemplar, mistér se fazia um requinte de nequicia aterrorizante. Mais impressionaria, nesse dia de triumpho, um esquartejamento. Felipe dos Santos deveria ser amarrado em cavallos bravios e esquartejado vivo. E conta uma testemunha presencial, em documento que se encontra além-mar:

•Hera trevoso o dia pelo tempo ser de inverno pezado. O capitão-general, á frente das tropas, fez vir o condemnado á sua presença e, querendo mostrar sua bondade, disse-lhe que o mandaria enforcar, dispensando-o do esquartejamento em vida, si elle, condemnado saudasse em altas vozes, o Senhor Rei, que Deus guarde. Com a mesma petulancia com que se armara contra El-Rei, o reprobó exclamou, possesso: